

A PIEDADE OBEDIENTE DE CALVINO: TEOLOGIA E VIDA

*Hermisten Maia Pereira da Costa**

RESUMO

Neste artigo Costa analisa o conceito de João Calvino referente à piedade e sua relação com a teologia e a vida cristã. Demonstra que, segundo Calvino, a piedade não é algo místico e esotérico; antes, origina-se e fundamenta-se no conhecimento de Deus que se revela em culto e obediência à sua Palavra. A partir desta análise Costa ilustra, com alguns episódios da vida do reformador, como ele vivenciou sua teologia obedecendo piedosamente ao chamado divino.

PALAVRAS-CHAVE

Calvino; Piedade; Teologia; Conhecimento de Deus; Obediência.

INTRODUÇÃO

Em 1548¹ Calvino (1509-1564), ao comentar a Primeira Epístola de Paulo a Timóteo – em que fala da seriedade da confissão de Cristo, que significou sua entrega em favor do seu povo –, extrai uma lição prática que deve orientar o nosso testemunho e o nosso labor teológico:

* Hermisten M. P. Costa é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, doutor em Ciências da Religião e diretor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor e pesquisador do PPGCR (Mackenzie) e professor de Teologia Sistemática e Teologia Contemporânea no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Integra a equipe de pastores da Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo, SP.

¹ Data da primeira edição. Cf. PARKER, T. H. L. *Calvin's New Testament Commentaries*, 2ª ed. rev., Louisville: Westminster/John Knox, 1993, p. 22-23, 208.

Não estamos assentados aos pés de Platão² com o fim de aprender filosofia e a ouvi-lo discorrer à sombra sobre controvérsias inúteis, senão que a doutrina que professamos foi ratificada pela morte do Filho de Deus.³

Calvino era avesso a especulações fruto de nossa imaginação. Para ele, a teologia está relacionada à vida prática. Questionar por questionar é algo sem sentido, nocivo. Portanto, o teólogo deve ter cuidado para não cair nesta armadilha, conforme ele diz:

... que todos os questionamentos supérfluos que não se inclinam para a edificação devem ser com toda razão suspeitos e mesmo detestados pelos cristãos piedosos. A única recomendação legítima da doutrina é que ela nos instrui na reverência e no temor de Deus. E assim aprendemos que o homem que mais progride na piedade é também o melhor discípulo de Cristo, e o único homem que deve ser tido na conta de genuíno teólogo é aquele que pode edificar a consciência humana no temor de Deus.⁴

O silêncio de Deus deve propiciar o nosso silêncio reverente. Não busquemos insanamente ultrapassar o revelado; isto significaria tentar ir além de Deus. Como afirma Calvino

Eis um bom marco memorial da sobriedade: Se em nossa aprendizagem ou em nosso ensino seguirmos a Deus, tenhamos-lo sempre adiante de nós. Contrariamente, se ele parar de ensinar, paremos de querer continuar a ouvir e a entender.⁵

² Isto não significa que Calvino fosse avesso à filosofia ou, no caso específico, a Platão. Pelo contrário, ele sabia reconhecer as contribuições da filosofia e de filósofos para o seu pensamento (ver, por exemplo: CALVINO, João, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Edições Paracletos, 1996, [1Co 14.7], p. 414). Na Academia de Genebra estudavam-se autores gregos e latinos como Homero, Heródoto, Xenofonte, Políbio, Demóstenes, Plutarco, Platão, Cícero, Virgílio, Ovídio, Terêncio, entre outros (Ganoczy, que fez um estudo minucioso sobre a formação e composição da biblioteca da Academia, traz também a relação de obras da biblioteca da Academia referente ao ano de 1572 (GANOCZY, Alexandre, *La Bibliothèque de l'Académie de Calvin*, Genève: Librairie Droz, 1969, 344p). Ver também: SCHAFF, Philip, *History of the Christian Church*, Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1996, Vol. VIII, p. 805; WALLACE, Ronald S., *Calvino, Genebra e a Reforma*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 88; GUTTEK, Gerald L., *Historical and Philosophical Foundations of Education: A Biographical Introduction*, 3ª ed. Columbus, Ohio: Merrill Prentice Hall, 2001, p. 92. Mesmo admitindo a superioridade das Escrituras, ele reconhece o valor de pensadores não cristãos: “Admito que a leitura de Demóstenes ou Cícero, de Platão ou Aristóteles, ou de qualquer outro da classe deles, nos atrai maravilhosamente, nos deleita e nos comove ao ponto de nos arrebatarmos” (CALVINO, João, *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, [I.24]. Vol. I. p. 74). Calvino considerava Platão, “entre todos o mais religioso (filósofo) e particularmente sóbrio” (CALVINO, João, *As Institutas*, I.5.11). Ver também: CAMPOS, Heber Carlos de, A “Filosofia Educacional” de Calvino e a Fundação da Academia de Genebra. In: *Fides Reformata* V:1 (2000): 41-56, p. 51.

³ CALVINO, João, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, p. 174.

⁴ CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 300.

⁵ CALVINO, João, *As Institutas da Religião Cristã* (2006), III.8. Ver, por exemplo: CALVINO, João, *As Institutas da Religião Cristã* (2006), I.14; *As Institutas*, I.2.2; I.5.9; I.9.3; I.14.3; III.21.4; III.23.8; III.25.6,11; IV.17.36; *Exposição de Romanos*, São Paulo: Edições Paracletos, 1997, (Rm 9.14), p. 330; *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Edições Paracletos, 1996, p. 112; *Exposição de 2 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1995, p. 242, 243; *As Pastorais*, (p. 30; p. 263; (Tt 1.11), p. 300; p. 355.

A preocupação teológica deve ater-se à edificação da Igreja.⁶ Falar sobre teologia até o diabo pode fazê-lo, enganando a muitos, fazendo-os seus discípulos:

Ele [o diabo] está constantemente buscando perverter e corromper a verdade de Deus; mas, no que diz respeito a princípios gerais, ele pode pôr verniz enganoso nas coisas e passar-se por um teólogo suficientemente perspicaz.⁷

Para Calvino, todo o pensar teológico está conectado com a piedade. A teologia envolve toda a nossa mente, coração e vontade. Por isso, “o fim de um teólogo não pode ser deleitar o ouvido, senão confirmar as consciências ensinando a verdade e o que é certo e proveitoso”.⁸

A sua teologia nada mais era do que um esforço por comentar as Escrituras;⁹ por isso, sua obra pode ser corretamente chamada de uma “teologia bíblica”,¹⁰ certamente escrita por um teólogo sistemático¹¹ que tão bem sabia se valer dos recursos da exegese e da hermenêutica, dispondo tudo isso de forma erudita e devocional.¹² Por essa causa, a história dos comentários Bíblicos de Calvino e a das sucessivas edições das *Institutas* se confundem e

⁶ Ver CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 30.

⁷ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Parakletos, 2002, Vol. 3, p. 452.

⁸ CALVINO, João, *As Institutas* – Edição Clássica, I.14.4.

⁹ Este comentário bíblico não significa o uso apenas de termos bíblicos para expressar o seu ensinamento, mas, sim, o domínio do pensamento bíblico (Ver: CALVINO, João, *As Institutas*, I.13.3).

¹⁰ MCGRATH, Alister E., *Christian Theology: An Introduction*, Cambridge, Mass.: Blackwell Publishers, 1994, p. 71; MCGRATH, Alister E., *A Life of John Calvin: A Study in the Shaping of Western Culture*, Oxford, UK & Cambridge, USA: Blackwell Publishers, 1991 p. 150-151; SCHAFF, Philip, *The Creeds of Christendom*, 6ª ed. Revised and Enlarged, Grand Rapids, Michigan: Baker, (1931), Vol. I, p. 458; REID, W. S., Calvinismo, In: ELWELL, Walter A., ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1988-1990, Vol. I, p. 225; MURRAY, John, *Reformation History Library*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1997), p. 4; BARTH, Karl, *La Proclamacion del Evangelio*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969, p. 83; LANE, Tony, *Pensamento Cristão*, São Paulo: Abba Press, 1999, Vol. 2, p. 19.

¹¹ Curiosamente McGrath escreveu: “Ele [Calvino] foi inquestionavelmente um pensador sistemático, que plenamente reconheceu a necessidade de garantir consistência interna entre os vários componentes de seu pensamento” (MCGRATH, Alister E., *A Life of John Calvin*, p. 150. – minha tradução). Ver também: GEORGE, Timothy, *Teologia dos reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 178; BIÉLER, André, *O pensamento econômico e social de Calvino*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 192; SCHAFF, Philip, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 260; Idem, *The Creeds of Christendom*, Vol. I, p. 446; VAN HALSEMA, Thea B., *João Calvino era assim*, São Paulo: Editora Vida Evangélica, 1968, p. 112, 117.

¹² MURRAY, John, *Calvin as Theologian and Expositor*, Carlisle, Penn.: Banner of Truth (*Collected Writings of John Murray*, Vol. I), 1976, p. 311. Ver também: MURRAY, John, em Introdução à tradução americana das *Institutas*. *Reformation History Library*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 6.

se completam.¹³ A sua exegese era teologicamente orientada e a sua teologia estava amparada em uma sólida exegese bíblica.

Calvino não era apenas um grande conhecedor teórico das Escrituras. A sua vida se pautava pela compreensão da Palavra. A oração é um ingrediente fundamental em todo o seu sistema e labor. Durante três vezes por semana, em semanas alternadas, ele fazia preleções sistemáticas sobre os livros das Escrituras. Cada palestra era iniciada com uma breve oração e concluída, também, com uma pequena oração relacionada com o tema do texto exposto. Os seus sermões também eram concluídos com oração, neste caso mais extensa.¹⁴

1. PIEDADE E CONHECIMENTO

Para Calvino, a piedade não é algo místico e esotérico, antes, origina-se e fundamenta-se no conhecimento de Deus: “A piedade está sempre fundamentada no conhecimento do verdadeiro Deus; e isso requer ensino”.¹⁵ Este conhecimento nos leva à reverência e amor para com aquele que nos ama e preserva.¹⁶

Comentando o texto de 1 Timóteo 6.3, diz que

[a doutrina] só será consistente com a piedade se nos estabelecer no temor e no culto divino, se edificar nossa fé, se nos exercitar na paciência e na humildade e em todos os deveres do amor.¹⁷

Concordando com Calvino, entendemos que a genuína piedade bíblica (εὐσέβεια)¹⁸ começa pela compreensão correta do mistério de Cristo, conforme nos diz Paulo: “Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória” (1 Tm 3.16). A piedade era a tônica do ministério pastoral de Paulo. É deste modo que ele inicia a sua Carta a Tito: “Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus

¹³ Aliás, Calvino desejava que as *Institutas* fossem lidas em conjunto com os comentários: Ver: Prefácio à edição latina a partir da segunda edição (1539) e o Prefácio à edição francesa (1560). (CALVIN, Jean, *L’Institution Chrétienne*, Genève: Labor et Fides, 1955, Vol. I, p. XIX). Também, algumas vezes ele nos remete para seus sermões (Ver por exemplo: CALVINO, João, *Efésios*, São Paulo: Parakletos, 1998, p. 105; p. 110; *As Pastorais*, p. 67, 92, 124). Destacamos que, com exceção do livro do profeta Isaías, todos os comentários de Calvino sobre os profetas “consistem em sermões direcionados a alunos em treinamento para o trabalho missionário, principalmente na França” (T. H. L. Parker no prefácio à versão inglesa do Comentário de Daniel [CALVINO, João, *O Profeta Daniel*: 1-6, São Paulo: Edições Parakletos, 2000, Vol. 1, p. 13]).

¹⁴ Cf. MCKEE, Elsie Anne, ed., *John Calvin: Writings on Pastoral Piety*, New York, NJ: Paulist Press, 2001, p. 220 e 240. Ver diversos textos de suas orações in: MCKEE, Elsie Anne, ed., *John Calvin: Writings on Pastoral Piety*, p. 221ss; 241ss.

¹⁵ CALVINO, João, *O Profeta Daniel*: 1-6, Vol. 1, p. 225.

¹⁶ CALVINO, João, *As Institutas*, I.2.1.

¹⁷ CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 164-165.

¹⁸ At 3.12; 1 Tm 2.2; 3.16; 4.7,8; 6.3,5,6,11; 2 Tm 3.5; Tt 1.1; 2 Pe 1.3,6,7; 3.11.

Cristo, *para promover* (κατά)¹⁹ a fé que é dos *eleitos* (ἐκλεκτοί)²⁰ de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade” (Tt 1.1). Portanto, devemos indagar sempre a respeito de doutrinas consideradas evangélicas, se elas, de fato, contribuem para a piedade. A genuína ortodoxia será plena de vida e piedade.

Paulo diz que é apóstolo da parte de Jesus Cristo comprometido com a fé que é dos eleitos de Deus. O seu ensino tinha este propósito – diferentemente dos falsos mestres, que se ocupavam com fábulas e mandamentos procedentes da mentira (Tt 1.14) –: promover a fé dos crentes em Cristo Jesus. A fé que é dos eleitos, portanto, deve ser desenvolvida no “*pleno conhecimento* (ἐπίγνωσις)²¹ da *verdade* (ἀλήθεια)”. Ou seja, a nossa salvação se materializa em nosso conhecimento intensivo e qualitativamente completo da verdade. Contudo, este conhecimento da verdade, longe de ser arrogante e auto-suficiente, está relacionado com a piedade: “segundo a *piedade* (εὐσέβεια)”.²² O verdadeiro conhecimento de Deus é cheio de piedade. Piedade caracteriza a atitude correta para com Deus, englobando temor, reverência, adoração e obediência. Ela é a palavra para a verdadeira religião. Paulo diz que a piedade para tudo é proveitosa, não havendo contra-indicação: “Pois o exercício físico para pouco é *proveitoso* (ὠφέλιμος), mas a piedade para tudo é *proveitosa* (ὠφέλιμος),²³ porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser” (1Tm 4.8). Por isso Timóteo, com o propósito de realizar a vontade de Deus, deveria exercitá-la com a perseverança de um atleta (1Tm 4.7);²⁴ segui-la como alguém que persegue um alvo, e com a convicção e o zelo com os quais o próprio Paulo perseguira a Igreja de Deus (Fp 3.6): “Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, *segue* (διώκω)²⁵ a justiça, a *piedade* (εὐσέβεια), a

¹⁹ Κατά quando estabelece relação, significa “de acordo com a”, “com referência a”. No texto, pode ter o sentido de “segundo a fé que é dos eleitos”, “no interesse de”, “para promover”, etc. (Mc 7.5; Lc 1.9,38; 2.22,24,29; Jo 19.7; At 24.14; Cl 1.25,29; 2Tm 1.1,8,9; Hb 7.5).

²⁰ Mt 22.14; 24.22,24,31; Mc 13.20,22,27; Lc 18.7; 23.35; Rm 8.33; 16.13; Cl 3.12; 1Tm 5.21; 2Tm 2.10; Tt 1.1; 1Pe 1.1; 2.4; 1Pe 2.6,9; 2Jo 1,13; Ap 17.14.

²¹ Ἐπίγνωσις = “conhecimento intenso”, “conhecimento correto”. Rm 1.28; 3.20; 10.2; Ef 1.17; 4.13; Fp 1.9; Cl 1.9,10; 2.2; 3.10; 1Tm 2.4; 2Tm 2.25; 3.7; Tt 1.1; Fm 6; Hb 10.26; 2Pe 1.2,3,8; 2.20.

²² At 3.12; 1Tm 2.2; 3.16; 4.7,8; 6.3,5,6,11; 2Tm 3.5; Tt 1.1; 2Pe 1.3,6,7; 3.11.

²³ Este adjetivo que, no Novo Testamento só é empregado por Paulo, é aplicado às boas obras (Tt 3.8) e à Palavra inspirada de Deus em sua aplicação às nossas necessidades (2Tm 3.16).

²⁴ “Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. *Exercita-te* (γυμνάζω), pessoalmente, na piedade” (1Tm 4.7). Γυμνάζω é aplicada ao exercício próprio de atleta. No Novo Testamento a palavra é usada metaforicamente, indicando o treinamento que pode ser utilizado para o bem ou para o mal (1Tm 4.7; Hb 5.14; 12.11; 2Pe 2.14).

²⁵ Διώκω é utilizada sistematicamente para aqueles que perseguiram a Jesus, os discípulos e a Igreja (Mt 5.10-12; Lc 21.12; Jo 5.16; 15.20). Lucas emprega este mesmo verbo para descrever a perseguição que Paulo efetuou contra a Igreja (At 22.4; 26.11; 1Co 15.9; Gl 1.13,23; Fp 3.6), sendo também a palavra utilizada por Jesus Cristo quando pergunta a Saulo do porquê de sua perseguição (At 9.4-5/At 22.7-8/At 26.14-15). Paulo diz que prosseguia para o alvo (Fp 3.12,14). O escritor de Hebreus diz que devemos perseguir a paz e a santificação (Hb 12.14). Pedro ensina o mesmo a respeito da paz (1Pe 3.11).

fé, o amor, a constância, a mansidão” (1Tm 6.11). O tempo presente do verbo indica a progressividade que deve caracterizar essa busca pela piedade.

Calvino entende que o conhecimento verdadeiro do verdadeiro Deus traz, como implicação necessária, a piedade e a santificação:

.... deve observar-se que somos convidados ao conhecimento de Deus, não àquele que, contente com vã especulação,²⁶ simplesmente voluteia no cérebro, mas àquele que, se é de nós retamente percebido e finca pé no coração, haverá de ser sólido e frutuoso.²⁷

Em outro lugar, Calvino acrescenta:

... Jamais o poderá alguém conhecer devidamente que não apreenda ao mesmo tempo a santificação do Espírito. (...) A fé consiste no conhecimento de Cristo. E Cristo não pode ser conhecido senão em conjunção com a santificação do seu Espírito. Segue-se, conseqüentemente, que de modo nenhum a fé se deve separar do afeto piedoso.²⁸

E então, resume: “O conhecimento de Deus é a genuína vida da alma...”²⁹

O verdadeiro conhecimento de Deus conduz-nos à piedade: “Paulo sustenta que aquele falso conhecimento que se exalta acima da simples e humilde doutrina da piedade não é de forma alguma conhecimento”.³⁰

A única coisa que, segundo a autoridade de Paulo, realmente merece ser denominada de *conhecimento* é aquela que nos instrui na confiança e no temor de Deus, ou seja, na piedade.³¹

1.1 O “lucro” da piedade

No entanto, é possível forjar uma aparente piedade – conforme os falsos mestres que, privados da verdade, o faziam pensando em obter lucro (1Tm 6.5). Contudo, esta carece de poder e da alegria resultantes da convicção de que Deus supre as nossas necessidades. Logo, esses falsos mestres não conhecem o “lucro” da piedade: “De fato, grande *fonte de lucro* (πορισμός) é a *piedade* (ευσέβεια) com o *contentamento* αὐταρκεία³² = “suficiência”, “satisfação”). Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes”

²⁶ Ver CALVINO, João, *As Institutas*, I.14.4.

²⁷ CALVINO, João, *As Institutas*, I.5.9. Do mesmo modo, ver: João Calvino, *As Institutas*, III.6.4.

²⁸ CALVINO, João, *As Institutas*, III.2.8.

²⁹ CALVINO, João, *Efésios*, p. 136-137.

³⁰ CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 186.

³¹ CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 187.

³² 2Co 9.8; 1Tm 6.6.



(1Tm 6.6-8, 3.5). Todo o conhecimento cristão deve vir acompanhado de piedade. (1Tm 3.16, 6.3; Tt 1.1). A piedade deve estar associada a diversas outras virtudes cristãs a fim de que seja frutuosa no pleno conhecimento de Cristo (2Pe 1.6-8). A nossa certeza é que Deus nos concedeu todas as coisas que nos conduzem à piedade. Ele exige de nós, os crentes, “o uso diligente de todos os meios exteriores pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da salvação”³³ e que não negligenciem os “meios de preservação”.³⁴ Portanto, devemos utilizar todos os recursos que Deus nos forneceu com este santo propósito:

Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à *piedade* (εὐσέβεια), pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude (2Pe 1.3).³⁵

O lucro da genuína piedade é o contentamento próprio daqueles que têm a sua fé voltada para Deus. “A fé, pois, é a raiz da verdadeira piedade”.³⁶

1.1.1 Piedade “Caseira”

A piedade como resultado de nosso relacionamento com Deus deve ter o seu reflexo concreto dentro de casa, sendo revelada por intermédio do tratamento que concedemos aos nossos pais e irmãos:

...se alguma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiro a *exercer piedade* (εὐσεβέω) para com a própria casa e a recompensar a seus progenitores; pois isto é aceitável diante de Deus (1Tm 5.4).³⁷

Nunca o nosso trabalho, por mais relevante que seja, poderá se tornar um empecilho para a ajuda aos nossos familiares. A genuína piedade é caracterizada por atitudes condizentes para com Deus (reverência) e para com o nosso próximo (fraternidade). Curiosamente, quando o Novo Testamento descreve Cornélio, diz que ele era um homem “*piedoso* (εὐσεβής) e temente a Deus (...) e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus” (At 10.2). A piedade é, portanto, uma relação teologicamente orientada do homem para com Deus em sua devoção e reverência e, em sua conduta bíblicamente ajustada e coerente para com o seu próximo. A piedade envolve comunhão com Deus

³³ *Catecismo Menor de Westminster*, Perg. 85.

³⁴ *Confissão de Westminster*, XVII.3.

³⁵ Ver: COSTA, Hermisten M. P., A Palavra e a oração como meios de graça: In: *Fides Reformata*, São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 5/2 (2000), 15-48.

³⁶ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 3, (Sl 78.21), p. 213.

³⁷ “Seria uma boa preparação treinar-se para o culto divino, pondo em prática deveres domésticos piedosos em relação a seus próprios familiares” (CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 131).





e o cultivo de relações justas com os nossos irmãos. “A obediência é a mãe da piedade”, resume Calvino.³⁸

1.1.2 A Graça e a Piedade

A piedade é desenvolvida por meio de nosso crescimento na graça. A graça de Deus é educativa:

Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, *educando-nos* (παίδεῦω) para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e *piedosamente* (εὐσεβῶς) (Tt 2.11-12).

A piedade autêntica, por ser moldada pela Palavra, traz consigo os perigos próprios resultantes de uma ética contrastante com os valores deste século: “Ora, todos quantos querem viver *piedosamente* (εὐσεβῶς)³⁹ em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3.12). No entanto, há o conforto expresso por Pedro às igrejas perseguidas: “...o Senhor sabe livrar da *provação* [πειρασμός = “tentação”] os *piedosos* (εὐσεβεῖς)...”. (2Pe 2.9).

A piedade não pode estar dissociada da fé que confessa que Deus é o autor de todo o bem. Portanto, podemos nele descansar sendo conduzidos pela sua Palavra.⁴⁰

2. TEOLOGIA, PIEDADE E OBEDIÊNCIA

No segundo semestre de 1559 Calvino, expondo o Livro de Daniel, após mais uma preleção, como sempre, encerra com uma oração:

Deus Todo-Poderoso, visto que sempre e de maneira desgraçada nos perdemos em nossos pensamentos e, quando tentamos te adorar, não fazemos nada a não ser profanar a pura e verdadeira adoração de tua divindade e somos mais facilmente levados a superstições depravadas, permite, pois, que permaneçamos na obediência pura da tua Palavra e nunca nos desviemos para lado algum...⁴¹

Calvino não é pródigo em falar de sua vida pessoal. Até mesmo sobre a sua conversão ele falou pouquíssimo, sem sequer mencionar o instrumento humano usado por Deus.⁴²

³⁸ CALVIN, John, *Commentaries of the Four Last Books of Moses*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (*Calvin's Commentaries*, Vol. II), 1996 (Reprinted), Vol. 1, p. 453.

³⁹ Este advérbio só ocorre em dois textos do Novo Testamento: 2Tm 3.12; Tt 2.12.

⁴⁰ Cf. CALVIN, John, *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan: Baker, 1996 (Reprinted), Vol. II/1, p. 422.

⁴¹ CALVINO, João, *O Profeta Daniel*: 1-6, Vol. 1, p. 195.

⁴² Ver: CALVINO, Juan, *Respuesta al Cardenal Sadoleto*, 4ª ed. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1990, p. 61-64; CALVIN, John, *Tracts and Treatises on The Reformation of the Church*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1958, Vol. I, p. 62; CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Paracletos, 1999, Vol. 1, p. 38.



Quanto à piedade de Calvino, a questão é a mesma; podemos extrair de seus ensinamentos alguns de seus princípios e achar aqui e ali algo que reflita a sua prática devocional, mas não algo sistemático. Calvino não se especializou em falar de suas experiências, sob qualquer pretexto. Não era seu estilo aproveitar as oportunidades para falar de si ou de suas experiências espirituais com o fim suposto de ajudar a igreja. Ele simplesmente expõe e aplica o texto bíblico⁴³ ou, quando trabalha mais sistematicamente (*Institutas*, catecismos, etc.), apresenta a doutrina. O fundamento de sua prática era a sua compreensão hermenêutica. Na sua carta dedicatória do *Comentário de Romanos* – dirigida a seu amigo de Basileia, Simon Grynaeus (1493-1540), a quem chama de “homem dotado de excelentes virtudes” –, com quem discutira alguns anos antes sobre a melhor maneira de interpretar as Escrituras, concluiu, conforme também pensava Grynaeus, que

a lúcida brevidade constituía a peculiar virtude de um bom intérprete. Visto que quase a única tarefa do intérprete é penetrar fundo a mente do escritor a quem deseja interpretar, o mesmo erra seu alvo, ou, no mínimo, ultrapassa seus limites, se leva seus leitores para além do significado original do autor.⁴⁴

Anos mais tarde (1546), escreveria: “... não aprecio as interpretações que são mais engenhosas do que sadias”.⁴⁵ A clareza⁴⁶ e a brevidade recomendadas por Calvino, mais do que virtudes, se constituíam para ele em princípios decisivos de exegese.⁴⁷ Ele sustentava que competia ao intérprete entender o que o autor quis dizer e o seu propósito. Ele exemplifica isso quando comenta o Salmo 8. Após falar sobre três possibilidades de interpretação de determinada palavra hebraica, conclui: “O elemento primordial a ser apreendido é no que tange ao conteúdo do salmo e ao que ele visa”.⁴⁸

⁴³ Moisés Silva comentando sobre o propósito de Calvino em ser breve e simples em seus comentários, faz esta aplicação: “...O exemplo de Calvino precisa fazer-nos lembrar quais devem ser os nossos principais objetivos. É muito fácil nos impressionarmos com os problemas exegéticos ou com as necessidades devocionais que percebemos; em ambos os casos, acabamos permitindo que a mensagem central e simples do texto tome uma posição secundária. Se, porém, tivermos em mente que não há motivo mais importante do que a edificação da igreja – sendo a base para isso o próprio ensinamento de Deus e não a nossa imaginação – nossos esforços permanecerão concentrados no significado histórico intencionado pelo autor bíblico” (SILVA, Moisés, *Em Favor da Hermenêutica de Calvino*: In: KAISER JR., Walter C. & SILVA, Moisés, *Introdução à Hermenêutica Bíblica*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 246).

⁴⁴ CALVINO, João, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Edições Paracletos, 1997, p. 19.

⁴⁵ CALVINO, João, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 15.29), p. 472. No entanto, ele admite que “o mundo preferiu, e sempre preferirá, as especulações que aparentam engenhosidade, à sólida doutrina” (CALVINO, João, *Gálatas*, São Paulo: Edições Paracletos, 1998, [Gl 4.22], p. 139). Ver também: CALVINO, João, *Exposição de Romanos*, (Rm 10.18), p. 376; CALVINO, João, *Gálatas*, (Gl 4.22-25), p. 138-144.

⁴⁶ “Tenho almejado clareza mais do que elegância” (CALVINO, João, *Gálatas*, [Gl 4.24], p. 141).

⁴⁷ Cf. KRAUS, Hans-Joachim, Calvin’s Exegetical Principles: In: *Interpretation* 31 (1977), Virgínia, p. 13. Ver: CALVINO, João, *As Institutas*, III.6.1.

⁴⁸ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol.1, p. 156-157.



2.1 Teologia: crida, vivida e ensinada

Para Calvino, a doutrina está relacionada à nossa vida. A doutrina é para ser crida, vivida e ensinada. Por isso, quando diz que “... o tesouro da sã doutrina é inestimável, e nada há para se temer mais do que o risco de perdê-lo”,⁴⁹ não estava teorizando ou simplesmente fazendo uma abstração; ela é a vida da Igreja e a fonte de crescimento dos filhos de Deus. “A doutrina é a mãe pela qual Deus nos gera”.⁵⁰ Daí a sua afirmação:

O Evangelho não é uma doutrina de língua, senão de vida. Não pode assimilar-se somente por meio da razão e da memória, senão que chega a compreender-se de forma total quando ele possui toda a alma, e penetra no mais íntimo recesso do coração. (...) Os cristãos deveriam detestar aqueles que têm o Evangelho em seus lábios, porém não em seus corações.⁵¹

Comentando o Salmo 92.9, tratando do poder e cuidado de Deus para com os seus, apresenta o conforto desta doutrina, acrescentando:

Com isso nos ensina que a mera doutrina geral é algo tépido e insatisfatório, e que cada um de nós deve utilizá-la particularmente para si, na persuasão de que pertencemos ao número dos filhos de Deus.⁵²

Daí a sua orientação:

Aquele que não tenta ensinar com o intuito de beneficiar, não pode ensinar corretamente; por mais que faça boa apresentação, a doutrinação não será sã, a menos que cuide para que seja proveitosa a seus ouvintes.⁵³

Não deixa de ser instrutivo e revelador o fato de Calvino, na edição final das *Institutas* (1559), ter tratado da doutrina da eleição depois de um longo capítulo sobre a oração que, sozinho, é maior do que os quatro dedicados à doutrina da eleição.⁵⁴

⁴⁹ CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 50.

⁵⁰ CALVINO, João, *Gálatas*, p. 141.

⁵¹ CALVIN, John, *Golden Booklet of the True Christian Life*, 6ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1977, p. 17. Do mesmo modo ver: CALVINO, João, *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa, IV.17.

⁵² CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Parakletos, 2002, Vol. 3, (Sl 92.11), p. 469.

⁵³ CALVINO, João, *As Pastorais*, (1Tm 6.3), p. 165.

⁵⁴ Ver: CALVINO, João, *As Institutas*, III.20. Do mesmo modo, no *Catecismo de Genebra*, das 373 perguntas (*Catecismo de Genebra*. In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*, Buenos Aires: La Aurora, 1962), Calvino dedica 63 à oração. Assim também, na *Instrução na Fé* (Goiânia: Logos Editora, 2003), uma das seis partes é dedicada à oração.



Em 7 de julho de 1553, Calvino escreve mais uma carta aos “prisioneiros de Lyon” que aguardavam a condenação por terem aderido à Reforma Protestante. Ele a dirige em especial a dois deles: Denis Peloquin de Blois e Louis de Marsac. A certa altura, diz:

Meus irmãos (...), estejam certos de que Deus, que se manifesta em tempos de necessidade e aperfeiçoa sua força em nossa fraqueza, não os deixará desprovidos daquilo que poderosamente glorificará o seu nome. (...) E como vocês sabem, temos resistido firmemente as abominações do Papado, a menos que renunciássemos o Filho de Deus, que nos comprou para Si mesmo pelo precioso preço. Meditem, igualmente, naquela glória celestial e imortalidade para as quais somos chamados, e é certo de alcançarmos pela Cruz — por infâmia e morte. De fato, para a razão humana é estranho que os filhos de Deus sejam tão intensamente afligidos, enquanto os ímpios divertem-se em prazeres; porém, ainda mais, que os escravos de Satanás esmaguem-nos sob seus pés, como diríamos, e triunfem sobre nós. Contudo, temos meios de confortar-nos em todas as nossas misérias, buscando aquela solução feliz que nos está prometida, que Ele não apenas nos libertará mediante seus anjos, mas pessoalmente enxugará as lágrimas de nossos olhos.⁵⁵ E, assim, temos todo o direito de desprezar o orgulho desses pobres homens cegos que, para a própria ruína, levantam seu ódio contra o céu; e, apesar de não estarmos neste momento em suas condições, nem por isso deixamos de lutar junto com vocês em oração, com ansiedade e suave compaixão, como companheiros, percebendo que agradou a nosso Pai celeste, em sua bondade infinita, unir-nos em um só corpo sob seu Filho, nossa cabeça. Pelo que eu lhe suplicarei que lhes possa garantir essa graça; que Ele os conserve sob sua proteção e lhes dê tal segurança disso que possam estar aptos a desprezar tudo o que é deste mundo. Meus irmãos os saúdam mui afetuosamente, e assim também muitos outros. — Seu irmão, João Calvino.⁵⁶

Louis de Marsac, um dos prisioneiros de Lyon a quem Calvino escrevera, responde-lhe da prisão:

Senhor e irmão, eu não posso expressar o grande conforto que recebi... da carta que você enviou para meu irmão Denis Peloquin, que passou-a a um de nossos irmãos que estava numa cela abobadada acima de mim, e leu-a para mim em voz alta, porque eu não pude lê-la por mim mesmo, sendo incapaz de ver qualquer coisa em meu calabouço. Então, eu lhe peço que persevere nos ajudando com semelhante consolação, pois isso nos convida a chorar e orar.⁵⁷

⁵⁵ Comentando o salmo 56.8, Calvino assim se expressou: “... Se Deus concede tal honra às lágrimas de seus santos [lembrar-se delas], então pode ele contabilizar cada gota do sangue que eles derramaram. Os tiranos podem queimar sua carne e seus ossos, mas seu sangue continua a clamar em altos brados por vingança; e as eras intervenientes jamais poderão apagar o que foi escrito no registro divino das memórias” (CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Paracletos, 1999, Vol. 2, [Sl 56.8], p. 501).

⁵⁶ CALVIN, John, To the Prisoners of Lyons, “Letters,” *John Calvin Collection*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 320. Minha tradução.

⁵⁷ In: To the Prisoners of Lyons, “Letters,” *John Calvin Collection*, [CD-ROM], nº 320. Calvino atendeu à solicitação e, em 22/08/1553, escreveu-lhes novamente (Ver: CALVIN, John, To Denis Peloquin and Louis de Marsache, “Letters,” *John Calvin Collection*, [CD-ROM], nº 323). Minha tradução.

De fato, “para fazer os corações dos santos rejubilar-se, o favor divino é o único sobejamente suficiente”.⁵⁸

2.2 A teologia como fundamento de nossas decisões

Em 1539, Calvino, o jovem de 30 anos, podia tornar a fazer o que julgava determinado à sua vida: o estudo, a reflexão e a pregação. Recordemos um pouco: com este objetivo, 3 anos antes se dirigiu a Estrasburgo planejando ali chegar em 1536. Contudo, por encontrar-se impedida a estrada que daria acesso direto àquela cidade, teve que se hospedar em Genebra, “não mais que uma noite”. No entanto, o tímido e discreto Calvino que desejava passar anônimo foi descoberto... Então teve o seu encontro dramático com o pastor Guilherme Farel (1489-1565) que o persuadiu a permanecer em Genebra e juntos, levar adiante a Reforma que oficialmente fora adotada – “democrática e unanimemente pelo Conselho Geral” – naquela cidade em 21 de maio de 1536.⁵⁹ Calvino, mais tarde, em 1557, lembrando o fato, diria que Farel o convenceu,

não propriamente movido por conselho e exortação, e, sim, movido por uma fulminante impreciação, a qual me fez sentir como se Deus pessoalmente, lá do céu, houvera estendido sua poderosa mão sobre mim e me aprisionado.

Continua:

E, ao descobrir [Farel] que meu coração estava completamente devotado aos meus próprios estudos pessoais, para os quais desejava conservar-me livre de quaisquer outras ocupações, e percebendo ele que não lucraria nada com seus rogos, então lançou sobre mim uma impreciação, dizendo que Deus haveria de amaldiçoar meu isolamento e a tranqüilidade dos estudos que eu tanto buscava, caso me esquivasse e recusasse dar minha assistência, quando a necessidade era em extremo premente.

Farel conseguiu o seu objetivo: “Sob o impacto de tal impreciação, eu me senti tão abalado de terror, que desisti da viagem que havia começado”.⁶⁰ Em 1538⁶¹ Calvino e Farel foram expulsos da cidade. Agora, finalmente está em Estrasburgo – a “Antioquia da Reforma” –, disposto a recomeçar a sua vida pastoral e de estudo, tendo então, como marco desta nova fase, a produção do

⁵⁸ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, p. 355.

⁵⁹ Cf. BIÉLER, André, *A Força Oculta dos Protestantes*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 71; VAN HALSEMA, Thea B., *João Calvino era Assim*, p. 70; BATTLES, Ford L., *Interpreting John Calvin*, Grand Rapids, MI.: Baker Books, 1996, 296.

⁶⁰ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 40-41. Ver também, entre outros: GEORGE, Timothy, *Teologia dos Reformadores*, p. 179-180.

⁶¹ O exílio de Calvino e Farel foi votado pelo Conselho de Genebra em 23 de abril de 1538. (Cf. *Calvin*, Textes Choisis par Charles Gagnebin, Egloff: Paris, © 1948, p. 297).

seu comentário do livro que considerava o principal das Escrituras: a Epístola de Paulo aos Romanos (1539).⁶²

Não sabia Calvino que em Estrasburgo encontraria outro “Farel”, chamado Martin Bucer (1491-1551) que, conforme o próprio Calvino narra,

empregando um gênero similar de censura e protesto ao que Farel recorrera antes, arrastou-me de volta a uma nova situação. Alarmado com o exemplo de Jonas, o qual ele pusera diante de mim, ainda prossegui na obra do ensino. E embora continuasse como sempre fui, evitando por todos os meios a celebridade, todavia fui levado, sem o saber, como pela força, a comparecer às assembleias imperiais, onde, voluntária ou involuntariamente, fui forçado a aparecer ante os olhos de muitos.⁶³

Em 22 de outubro de 1540 – entre outras cartas enviadas –, o Conselho dos Duzentos resolve convidar Calvino a voltar a Genebra.⁶⁴ Escreve uma carta-resposta (19/05/1540) ao seu amigo Viret (1511-1571):

Eu li aquela passagem de sua carta, e certamente não sem um sorriso, em que você demonstra tanta preocupação com a minha saúde e por essa razão me recomenda Genebra. Por que você não me disse “a cruz”? Pois teria sido preferível perecer de uma vez por todas do que ser novamente atormentado naquele lugar de tortura.⁶⁵

Calvino hesita. Em 1º de maio de 1541, o Conselho Geral, por considerar Calvino e Farel “pessoas de bem e de Deus”, revoga o edito de banimento de 1538. Farel, que convencera Calvino em 1536 a permanecer em Genebra, agora, a pedido do Conselho daquela cidade – visto que Calvino não atendera ao seu convite –, convence Calvino a retornar a Genebra em 1541.⁶⁶ Em agosto de 1541, Calvino já se decidira; mesmo desejando permanecer em Estrasburgo, voltaria a Genebra: “Mas quando eu me lembro que não pertenço a mim próprio, eu ofereço meu coração, apresentado como um sacrifício ao Senhor”.⁶⁷

⁶² Publicado em março de 1540. Outras edições revisadas foram publicadas em 1551 e 1556. É provável que esse trabalho seja o resumo de suas aulas ministradas em Genebra no período de 1536-1538.

⁶³ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 41-42.

⁶⁴ Ver parte da carta In: VAN HALSEMA, Thea B., *João Calvino era Assim*, p. 115-116. Ver também, p. 120.

⁶⁵ CALVIN, John, Letter to Peter Viret, “Letters,” *John Calvin Collection*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 47. Minha tradução.

⁶⁶ Cf. REID, W. Stanford, A Propagação do Calvinismo no Século XVI: In: REID, W. Stanford, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*, Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 47; VAN HALSEMA, Thea B., *João Calvino era Assim*, p. 119ss.).

⁶⁷ CALVIN, John, “Letter to Farel,” *John Calvin Collection*, nº 73.

Posteriormente, pregando em Genebra (26/02/1554),⁶⁸ diria: “Em primeiro lugar temos de aprender a sujeitar nosso coração a ser obediente a Deus”.⁶⁹

Os fatos ocorrem com certa rapidez. Na manhã de terça-feira de 13/9/1541 os magistrados de Genebra, precedidos por um arauto, foram receber Calvino, percorrendo o mesmo caminho que ele e Farel fizeram três anos antes, passando pela porta Cornavin em direção a Versoix. Nesse mesmo dia Calvino entra em Genebra. No dia 16, escreve a Farel dando-lhe notícia da sua entrevista com os magistrados e dos passos para a elaboração da forma para disciplina eclesiástica.⁷⁰ A partir de então, Calvino dá prosseguimento à implantação de uma intensa reforma naquela cidade.

Mais tarde (1557), ele contaria que regressou a Genebra com lágrimas, tristeza, ansiedade e abatimento, contrariando a sua “aspiração e inclinação”. Contudo, tinha dentro de si um sentimento maior do que simplesmente fazer o que desejava. Ele confessa:

o bem-estar desta igreja, é verdade, era algo tão íntimo de meu coração, que por sua causa não hesitaria a oferecer minha própria vida; minha timidez, não obstante, sugeriu-me muitas razões para escusar-me uma vez mais de, voluntariamente, tomar sobre meus ombros um fardo tão pesado. Entretanto, finalmente uma solene e conscienciosa consideração para com meu dever prevaleceu e me fez consentir em voltar ao rebanho do qual fora separado.⁷¹

Em outra ocasião escreveria:

Não é de se estranhar se os fiéis, mesmo em oração, nutram em seus corações divergências e emoções conflitantes. O Espírito Santo, porém, que os habita, amenizando a violência de sua dor, pacifica todas as suas queixas e os conduz paciente e cordialmente à obediência.⁷²

Comentando o Salmo 13: “é pela fé que tomamos posse de sua providência invisível”.⁷³ Expondo o Salmo 18, diz: “Não há nada mais miserável do que uma pessoa, em adversidade, que entra em desespero por agir segundo o mero

⁶⁸ Cf. MCKEE, Elsie Anne, ed., *John Calvin: Writings on Pastoral Piety*, p. 224.

⁶⁹ CALVINO, Juan, El Carácter de Job, *Sermones Sobre Job*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon n° 1), p. 32. “Quanto tem avançado aquele homem que há aprendido a não pertencer-se a si mesmo, nem a ser governado por sua própria razão, senão que submete a sua mente a Deus! (...) O serviço do Senhor não só implica uma autêntica obediência, senão também a vontade de pôr aparte seus desejos pecaminosos e submeter-se completamente à direção do Espírito Santo” (CALVIN, John, *Golden Booklet of the True Christian Life*, p. 21). Minha tradução.

⁷⁰ CALVIN, John, “Letter to Farel,” *John Calvin Collection*, n° 76.

⁷¹ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 42.

⁷² CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, p. 282.

⁷³ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 262.

impulso de sua própria mente e não em obediência à vocação divina”.⁷⁴

A sua tarefa não foi fácil nem tranqüila: no *Comentário de Tito* (1549) – dedicado aos seus amigos Farel e Viret –, escreveu, como que descrevendo sua própria vivência em Genebra: “A edificação de uma igreja não é uma tarefa tão fácil que se torne possível fazer com que tudo seja imediata e perfeitamente completado”.⁷⁵

Hoje sabemos pela própria experiência que o que se requer não é o labor de um ou dois anos para levantar as igrejas caídas a uma condição mais ou menos funcional. Aqueles que têm alcançado diligente progresso por muitos anos devem ainda preocupar-se em corrigir muitas coisas.⁷⁶

Descrevendo a confiança de Davi, a sua fé em meio a temores, diz:

A verdadeira prova de fé consiste nisto: que quando sentimos as solicitações do medo natural, podemos resisti-las e impedi-las de alcançarem uma indevida ascendência. Medo e esperança podem parecer sensações opostas e incompatíveis, contudo é provado pela observação que esta nunca domina completamente, a não ser quando exista aí alguma medida daquele. Num estado de tranqüilidade mental não há qualquer espaço para o exercício da esperança.⁷⁷

Calvino permaneceria em Genebra até o fim de sua vida (17/5/1564).

Cerca de 300 anos depois, um erudito católico francês, Ernest Renan (1823-1892), como um dos primeiros historiadores da França, revelou sua incompreensão diante da figura inquietante daquele personagem distante no tempo e nas idéias, mas que continuava vivo em seu país e em quase todo o mundo ocidental. Assim, nos seus *Estudos da História das Religiões*, revela sua perplexidade, dizendo ter sido ele “o maior cristão do seu século”.⁷⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Davi inicia o Salmo 25 – que é uma mescla de meditação e oração⁷⁹ –, dizendo: “A ti, Senhor, elevo a minha alma” (Sl 25.1). O salmista sabe a quem se dirige, daí ele falar de elevar a sua alma. Deus é santo e soberano; a oração

⁷⁴ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 354

⁷⁵ CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 306.

⁷⁶ CALVINO, João, *As Pastorais*, p. 306.

⁷⁷ CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, p. 495. Do mesmo modo, Ver: *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, p. 329. Wallace interpreta acertadamente que “os escritos teológicos de Calvino sobre a questão da providência podem freqüentemente ser lidos como um testemunho pessoal da fé que o sustentou na obra da sua vida” (WALLACE, Ronald S., *Calvino, Genebra e a Reforma*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 213).

⁷⁸ RENAN, Ernst, *Études D’Histoire Religieuse*, Paris: Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs, 1857, p. 342.

⁷⁹ Cf. CALVINO, João, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, p. 537.



tem sempre o sentido de enlevo espiritual ainda que seja de confissão de pecados. Falar com Deus sempre é um ato de elevar a nossa alma.

Algumas pessoas, com uma idéia equivocada de “intimidade com Deus”, pensam que podem se aproximar dele de qualquer maneira, tratá-lo como a um igual, ou em muitos casos, até mesmo como a um ser inferior a quem fazem verdadeiras imposições em suas “orações”. Ao contrário disso, a Palavra de Deus ensina que a nossa proximidade de Deus, antes de nos conduzir a uma suposta intimidade equivocada com ele, dá-nos a perfeita dimensão da sua gloriosa santidade e que, portanto, devemos nos aproximar dele em adoração e respeito. Davi é enfático: “A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Sl 25.14). Os “íntimos” de Deus são aqueles que o temem e lhe obedecem!

Comentando a Primeira Carta aos Coríntios, quando Paulo fala sobre sua responsabilidade como despenseiro de Deus, Calvino diz algo que certamente caracterizou bem a sua vida: a obediência a Deus:

O Senhor espera que seus servos sejam solícitos e prazerosos em obedecê-lo, em demonstrar alegria, agindo sem qualquer hesitação. Resumindo, Paulo quer dizer que a única maneira para se fazer justiça à sua vocação seria desempenhando sua função com um coração voluntário e de forma solícita.⁸⁰

Schaff resume a vida de Calvino: “Absoluta obediência de seu intelecto à Palavra de Deus, e obediência de sua vontade à vontade de Deus: esta foi a alma de sua religião”.⁸¹

ABSTRACT

In this article, Costa analyzes John Calvin’s concept of piety and its relation to theology and Christian life. He demonstrates that, according to Calvin, piety is not mystical or esoteric. Instead, it originates from and is grounded in the knowledge of God, which reveals itself in worship and obedience to his Word. Starting from this analysis, Costa points to some events in the reformer’s life that show how Calvin experienced his theology by obeying piously to the divine call.

KEYWORDS

Calvin; Piety; Theology; Knowledge of God; Obedience.

⁸⁰ CALVINO, João, *Exposição de 1 Coríntios*, p. 278.

⁸¹ SCHAFF, Philip, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 310. Ver também, SCHAFF, Philip, *The Creeds of Christendom*, Vol. I, p. 448.

